

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

8,5

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DA AUTO- ESTIMA DO
ALUNO NAS FASES INICIAIS

MIRNA ALVES

E-mail: mirnajuina2010@hotmail.com

Orientador: Professor Ilso Fernandes do Carmo

JUÍNA/2011

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA FORMAÇÃO DA AUTO- ESTIMA DO
ALUNO NAS FASES INICIAIS

MIRNA ALVES

Orientador: Professor Ilso Fernandes do Carmo

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Especialização em Psicopedagogia.”*

JUÍNA/2011

RESUMO

O desenvolvimento da criança acontece de forma intensa no desenvolvimento emocional afetivo e cognitivo, tendo como características a diversificação de atitude uma vez que a criança no seu desenvolvimento afetivo e a sua autoestima não estimulada está causando sérios danos emocionais na aprendizagem. A escolha do tema surgiu devido à preocupação com os índices de crianças que vem apresentando dificuldades de aprendizagem que podem estar relacionados à baixa autoestima causada pela falta de afetividade. A metodologia utilizada através de pesquisa bibliográfica. A falta de afetividade e baixa autoestima vêm prejudicando a aprendizagem da criança, pois bem é um dos problemas mais graves analisados dentro das escolas, principalmente nas fases iniciais do ensino fundamental, sendo que esta é uma das fases em que a criança está pronta para desenvolver a sua aprendizagem e construir o seu próprio conhecimento relacionando o faz de conta com as suas experiências vivida por ela, pois acreditamos que devem concentrar-se em um processo essencial; o estímulo e o reforço da autoestima e do autoconceito dos alunos, pois os estudos avaliam que a importância da autoestima no bom desenvolvimento das crianças prolifera nos países desenvolvidos, onde os problemas básicos já foram resolvidos e é possível se concentrar no desenvolvimento pessoal de cada ser.

Palavras chaves: formação, afetividade, autoestima.

SUMÁRIO

Introdução.....	04
Capítulo 1 – O que é afetividade.....	07
1.1- Afetividade.....	07
1.2- O vínculo afetivo na relação familiar.....	10
1.3- A afetividade nas relações professor-aluno.....	18
1.4- A afetividade nas condições de ensino.....	19
Capítulo 2- A influência social na formação inicial do autoconceito.....	22
2.1- O papel da escola na formação do autoconceito.....	26
2.2- A importância da relação familiar no desenvolvimento do autoconceito e da auto-estima.....	27
2.3- O que é auto-estima e para que serve?.....	31
2.4- Qual é o papel da auto-estima na teoria do sociometro?.....	31
2.5- O papel da escola na formação da auto-estima do aluno.....	32
Conclusão.....	38
Referências Bibliográficas.....	40

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a afetividade e auto estima vem se definindo como estudo por vários pesquisadores e estudiosos na área da educação, e da psicologia sendo que afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a velhice.

Desta forma, por buscar a análise histórico-crítica na educação com relação a afetividade com aluno com família e escola com as observações e leituras, acredito que o contato com autores que tratam deste tema proporcionou me um maior entendimento e me oportunizou melhorias no desempenho profissional na área educacional e afetiva das crianças , haja vista que as leituras abrem as mentes e concretizam ou mudam idéias que formamos no decorrer de nossa vida.

O tema tem como abordagem a importância da afetividade na formação da auto-estima do aluno, um tema que vem sendo visto por alguns profissionais da educação, como o caminho para a obtenção de bons resultados escolares e conseqüentemente, na vida adulta destes alunos. A pesquisa foi realizada com objetivo de aprofundar e avaliar os conhecimentos no contexto escolar, analisando as dificuldades encontradas pelas crianças no desenvolvimento emocional social e nas situações de conflitos

Através da pesquisa, constatei que a afetividade é um fator determinante na construção da auto estima da criança nas fases iniciais , sendo que a aprendizagem significativa e consiste num processo de educação para a vida, numa parceria entre professor, aluno, família e comunidade, grupos sociais, que é tão importantes no sucesso da aprendizagem do aluno e na relação com seus pares. Refletir sobre a afetividade e auto – estima como fator importante no relacionamento professor, aluno, escola e família desenvolvendo análises sobre a interligação entre as relações emocionais,afetividade na formação da auto-estima dos alunos das fases iniciais.

Tendo em vista que, vem acontecendo com certa freqüência, muitos problemas relacionado a falta de afetividade da família e por parte das instituições que podem comprometer a auto-estima desta criança procurei, assim, ao iniciarmos este trabalho, levantamos algumas hipóteses acerca do tema , procurando buscar respostas, para questionamento que surgiram a partir destas observações

inquietantes tendo em vista que uma grande porcentagem destes problemas podem ser de ordem afetivo.

Como os professores reagem diante de um aluno indiferente com auto estima baixa? Os professores a família e a escola devem trabalhar juntas para ajudar a criança a desenvolver todas as partes de si mesma, de modo a ser livre para aprender e criar. Só o respeito à sua total originalidade permite à criança o desenvolvimento da própria capacidade individual.

Existe relação entre a afetividade e a falta de interesse escolar, Ver pois a afetividade é fundamental na aprendizagem e no relacionamento interpessoal de cada individuo. Desta forma auto-estima é, numa abordagem simplificada, o que a pessoa sente em relação a si mesma. Quando positiva, significa que a pessoa tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam dela e confiam em sua habilidade de lidar com desafios. Quando negativa, acha que não merece o amor de ninguém, não acredita em seu potencial, que não é capaz, e considera que não sabe fazer nada direito.

A falta de afetividade e baixa auto estima prejudica a aprendizagem da criança, o estímulo e o reforço da auto-estima e do auto - conceito dos alunos, pois os estudos avaliam que a importância da auto-estima no bom desenvolvimento das crianças proliferam nos países desenvolvidos, onde os problemas básicos já foram resolvidos e é possível se concentrar no desenvolvimento pessoal de cada ser.

Que importância pode existir na relação entre escola, família, professor e aluno e de que forma a falta de afetividade pode influenciar na construção da auto-estima do aluno; na escola que criança tem contato com diferentes comportamentos dentro do espaço educacional, por isso, torna-se o referencial para a construção da personalidade da criança e da sua auto-imagem, no sentido de oferecer atenção devida ao seu desempenho escolar, fazendo com que o amor-próprio seja solidificado, pois faz parte do processo de aprendizagem de vida e é o sentimento obrigatório em uma existência satisfatória.

Desta forma as experiências de inter-relação humana como trocas e confronto das idéias e cooperação são de extrema importância para o desenvolvimento do psiquismo humano. A necessidade deste trabalho reside justamente no fato de que a afetividade e a auto estima devem caminhar juntos na

construção do conhecimento, da personalidade e dos valores morais e humanos, encontrando uma alternativa para auxiliar na formação do cidadão mais equilibrado para viver na sociedade em que está inserido, colaborando no fortalecimento da prática pedagógica dos educadores e auxiliar no desenvolvimento pessoal e intelectual do educando. Nos capítulos a seguir vou tratar de temas importantes a uma educação de qualidade como: O conceito de afetividade, e auto estima nas relações familiares professor aluno, e nas condições de ensino.

Nos capítulos a seguir estão sendo tratados; os vínculos afetivos nas relações familiares, na escola, e as influências sociais que a criança recebe dos meios sociais, e qual influência que o auto conceito e a auto estima faz na vida do ser humano.

1. O QUE É AFETIVIDADE

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se, segundo DANTAS (1992, p.33), a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor sentimento único que traz no seu núcleo outro, também complexo e profundo: o medo da perda.

Quanto maior o amor, maior o medo da separação, da perda e da morte, o que acaba desencadeando outros sentimentos, tais como o ciúme, a raiva, o ódio, a inveja, a saudade... A afetividade, segundo DANTAS (1992 p.46), é a mistura de todos esses sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada.

Muitas vezes somos movidos pelo impulso em direção ao prazer. Por isso, ao viver um sentimento doloroso, como a raiva ou o medo, é natural, segundo GODOY (1997 p.89), reagir impulsivamente destruindo o objeto ou a situação que provocou tal dor. Entretanto, ao fazê-lo não temos consciência de estar também destruindo a fonte do prazer, do amor.

É neste momento que o sujeito necessita, segundo MARTINELLI (2006 p.78), de um *cuidador* outro sujeito (já cuidado) que vai estabelecer os limites necessários, impedindo - o de destruir a sua fonte de amor. Esse sujeito cuidador, em nome do afeto que sente pelo jovem, vai ajudá-lo a não destruir a própria fonte de amor, impedindo-o de agir em nome da raiva ou do medo. Deve-se permitir a manifestação do sentimento, porém impedir atos que aliviem apenas momentaneamente a dor do sentimento de desprazer. Pode-se sentir medo e/ou raiva; pode-se expressá-los através de choro ou palavras; só não se pode destruir a fonte de tais sentimentos, pois ela é também a fonte de seu prazer maior: o *amor*. É através do amor que ser humano se torna mais criativo, corajoso e mais sensível diante das suas dificuldades.

1.1 AFETIVIDADE

A afetividade, segundo DANTAS (1992, p.77), tem um sentido muito profundo e repleto de significados em nossa vida, principalmente na vida da criança,

na a construção da sua autoestima não é uma mentira, mas é uma atitude em que tudo de si está presente.

Na teoria de PIAGET (1990, p.28), a afetividade cumpre o papel de fonte de energia para o funcionamento da inteligência; elaborado por Piaget, que se refere às formas de conhecimento elaboradas pelo ser humano inspirando as teorias do desenvolvimento da afetividade, que em sua maioria tem a afetividade e o desenvolvimento da linguagem como temas centrais. Falar em afetividade e autoestima é acreditar em uma educação com relevância social e, logo, em uma escola construída a partir de respeito, compreensão e autonomia de idéias.

Segundo FREUD (1974, p.26), toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. O ser humano dentro de suas limitações procura expressar seu afeto para com seus pares, muitas vezes através do impulso ou naturalmente.

Conforme FREUD (1974, p.39), diz que uma pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, fazendo um paralelo com outras teorias perturbadoras.

Para o desenvolvimento psíquico ocorre por intermédio da elaboração de experiências emocionais desde o nascimento. O bebê compartilha com a mãe do mesmo ego, e essa ideia de unidade com a mãe que o bebê tem ao mamar no seio lhe proporciona fantasias inconscientes. Se o bebê experimenta sensações físicas de conforto a fantasia é de bem-estar, satisfação e conseqüentemente prazer; se as sensações físicas são de desconforto, a sensação é de desconforto, perseguição e rejeição. As sensações de prazer ou desprazer fazem com que o ego se quebre, dando lugar ao mecanismo primitivo de defesa, onde de um lado fica o que é mau – medo, ansiedade e frustração – e de outro, o que é bom – gratificação ao carinho recebido. A angústia nasce neste momento por saber que precisa de outras pessoas para satisfazer suas necessidades e que o outro, diferente do eu, não poderá satisfazê-lo de acordo com seu desejo.

O emocional é os fatores que intervêm no estabelecimento de um laço afetivo seguro ou inseguro. Para eles, o vínculo emocional mais importante na

primeira infância, é o apego que a criança estabelece com uma ou várias pessoas do sistema familiar. Três componentes básicos, segundo DANTAS (1992, p.36) são distintos neste vínculo: a) condutas de apego (de proximidade e interação privilegiada com essas pessoas); b) representação mental (as crianças constroem uma ideia de como são essas pessoas, o que podem esperar delas) e c) sentimentos (de bem-estar com sua presença ou ansiedade por sua ausência).

O objetivo do apego, que tem a função adaptativa para a criança inserida em seu contexto, segundo DANTAS (1992, p.33) é favorecer-lhe a sobrevivência, buscando a proximidade de seus cuidadores e de proporcionar-lhe segurança emocional, transmitindo-lhe aceitação incondicional, proteção e bem-estar.

A ausência ou perda das figuras de apego, segundo DANTAS (1992, p.45) é percebida como ameaça, sinalizada como situação de risco, de desproteção e desamparo.

Quando demonstra claras preferências pelos estímulos sociais da própria espécie (rosto, voz e temperatura humanas) e logo estabelecem associações entre eles. Segundo ORTIZ (2004, p.54), é o estímulo recorrente de algum elemento, como traços do rosto da mãe, maneira de acalantar, ou da associação entre estes estímulos que a faz sentir-se adaptada, são os ritmos biológicos que ditam a adaptação do adulto à criança.

Neste momento, segundo ORTIZ (2004 p.33), podem até mesmo evocar as figuras de apego, graças às capacidades de representação, de permanência da pessoa e de memória. Demonstra reações de protesto e ansiedade nas separações e de alegria e tranquilidade nos reencontros, assim como apresenta condutas para procurar ou manter a proximidade destas pessoas, que usa como base para explorar o mundo físico e social.

As novas capacidades de locomoção, verbais e intelectuais, segundo DANTAS (1992, p.46) promovem um grau de independência das figuras de apego, e baseadas na própria experiência de retorno destas, as separações breves são melhores aceitas. Não exige mais o contato físico tão estreito e contínuo e tornam-se mais independentes na conduta o a criança nasce e até aproximadamente o terceiro mês de vida exploratória. Todos estes ganhos podem ativar as condutas

exploratórias em momentos de aflição, reagindo de forma similar a como se fazia nos primeiros anos de vida.

As situações de separação, o desejo de participar da intimidade dos pais e as rivalidades fraternas, segundo DANTAS (1992, p.65) produzem os conflitos afetivos mais importantes neste período, que devem ser contornadas com a demonstração de disponibilidade e acessibilidade das figuras de apego, sempre que a criança apresentar fragilidade.

Na realidade, é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação "tête-à-tête" com o aluno. Na sequência, pretende-se discutir a questão das condições de ensino, planejadas e desenvolvidas pelo professor, procurando, porém, identificar as possíveis implicações afetivas no comportamento do aluno, a partir das decisões por ele assumidas.

- a) Analisar a questão da afetividade em sala de aula, seja através da interação professor-aluno e/ou das dimensões de ensino, significa analisar as condições oferecidas para que se estabeleçam os vínculos entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares); ou seja, quando se discute este tema, discute-se, efetivamente, a própria relação sujeito objeto, em um dos seus aspectos essenciais: o efeito afetivo das experiências vivenciadas pelo aluno, em sala de aula, na relação com os diversos objetos do conhecimento;
- b) Neste sentido, assume-se que a natureza da experiência afetiva (prazerosa ou aversiva, nos seus extremos), depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto. Na situação de sala de aula, tal relação refere-se às condições concretas de mediação, planejadas e desenvolvidas principalmente, pelo professor, juntamente com a escola e a família.

1.2- O VÍNCULO AFETIVO NA RELAÇÃO FAMILIAR

A afetividade na relação familiar, segundo DANTAS (1992, p.77), acontece em determinados momentos no cotidiano infantil, partindo de que emoção nas brincadeiras e nos jogos é uma necessidade para criança, junto com sua família.

A relação entre mãe-filho ou pai-filho, segundo DORIN (1978, p.105), não depende somente da sensibilidade materna entendida como traço de personalidade, mas também da sensibilidade como padrão de conduta no contexto desta relação.

A sensibilidade, segundo DORIN (1978, p.58), a emoção é a fonte primeira do conhecimento, portanto conhecimento e afetividade encontra-se em sua teoria como algo indissociável da figura de apego aqui é entendida como a disposição de prestar atenção aos sinais da criança, interpretá-los adequadamente e responder a eles rápida e apropriadamente.

Reconhecendo as características dos padrões de apego, é possível identificar o tipo de interação mãe-filho desta relação. São estes os padrões de apego citados por HIDALGO; PALACIOS, (2004, p.58):

- a) Apego seguro: caracteriza-se por uma exploração ativa em presença da figura de apego, ansiedade (não necessariamente intensa) nos episódios de separação, encontro com a mãe caracterizada por busca de contato e proximidade e facilidade para ser reconfortada por ela.
- b) Apego ansioso-ambivalente: caracteriza-se pela exploração mínima ou nula em presença da mãe, uma reação muito intensa de ansiedade pela separação, comportamento ambivalentes nos reencontros (busca de proximidade combinada com oposição e cólera) e grande dificuldade para ser consolada pela figura de apego;
- c) Apego ansioso-evitativo: Se caracteriza por uma escassa ou nula ansiedade diante da separação, pela ausência de uma clara preferência pela mãe frente aos estranhos e pela evitação da mesma no reencontro (distanciando-se dela, passando longe ou evitando contato visual);
- d) Apego ansioso-desorganizado: caracteriza-se pela desorientação que as crianças apresentam nos reencontros. Estas crianças aproximam-se da figura de apego evitando o olhar, podem mostrar busca de proximidade para, repentinamente, fugir e evitar a interação, manifestando movimentos incompletos ou não dirigidos a nenhuma meta e condutas estereotipadas.

A criança neste tipo de relação forma um modelo interno que lhe permite antecipar e confiar na disponibilidade e na eficácia materna e em sua própria capacidade para promover e para controlar as interações, além de sentir prazer com estas.

As mães das crianças qualificadas como ansioso-ambivalentes WALLON (2007, p.69), são afetuosas e se interessam pela criança, mas tem dificuldades para interpretar os sinais dos bebês e para estabelecer sincronias interativas com elas. A ambivalência surge da incoerência que às vezes demonstram: em alguns momentos reagem positivamente em outros insensivelmente, assim desenvolve nas crianças ansiedade que ativa intensamente o sistema de apego e inibe a exploração, pois

estas ficam em dúvidas quanto à proteção que podem realmente contar, além de demonstrarem raiva intensa e persistente diante da frustração que sentem pela indisponibilidade da mãe.

WALLON (2007, p.49), apresenta em sua teoria uma intrínseca e uníssona relação aos aspectos culturais na dimensão afetiva da criança e na formação das funções psicológicas superiores.

Nesta perspectiva, o teórico não separa o intelecto do afeto porque busca uma abordagem abrangente, ou seja, capaz de entender a criança nas sua complexa e dinâmica formação.

Sendo que o vínculo afetivo e emocional que os pais estabelecem com seus filhos serve como modelo para seus relacionamentos futuros, sejam no convívio familiar ou com familiar fora dos padrões normais impostos pela sociedade atual.

Para WALLON (2007 p.78), as emoções primitivas, tais como o medo e a raiva, é sentimentos ligados a raiz instintiva biológica. Mas no decorrer do desenvolvimento, as emoções vão se transformando, se afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno natural do ser humano. Sendo que o ser humano não tem um tempo certo para o seu desenvolvimento, mas se desenvolve a medida da necessidade natural da vida.

Parafraseando WALLON (2007, p.77), ao referir-se sobre a relação entre intelecto afeto, emerge uma compreensão maior acerca da teoria das emoções, proposta. Neste sentido pode-se perceber que a família é a chave de todas as aprendizagens dos seres humanos, tanto no campo emocional como no afetivo, pois um está interligado ao outro.

Dentro dos seus postulados teóricos acerca das emoções, WALLON (2007), estabelece uma distinção entre as emoções superiores do adulto e as emoções inferiores da criança. Sendo assim, sua teoria oferece um largo suporte teórico acerca do processo de transição das emoções primitivas da vida para as experiências emocionais superiores.

Neste contexto, pode-se concluir que as emoções sofrem mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem.

Para WALLON (2007, p. 98), as emoções primitivas, tais como o medo e a raiva, é sentimentos ligados a raiz instintiva biológica. Mas no decorrer do desenvolvimento, as emoções vão se transformando, se afastando dessa origem biológica e se constituindo como fenômeno natural do ser humano. Sendo que o ser humano não tem um tempo certo para o seu desenvolvimento, mas se desenvolve a medida da necessidade natural da vida.

A organização do pensamento prepondera o sentimento, e o sentir também configura a forma de pensar. Nesse sentido, segundo GODOY (1997 p.147), a afetividade perpassa o funcionamento psíquico, assumindo papel organizativo nas ações e reações. Ao destacar a capacidade moral autônoma de resolver os conflitos do cotidiano, busca-se pensar em uma escola que trabalhe o estado emocional de todos os profissionais e alunos de forma positiva, baseada na confiança, respeito, satisfação interna, para assim desempenhar de maneira eficiente seu papel.

A família e escola, segundo DANTAS (1992, p.103), devem trabalhar juntas para ajudar a criança a desenvolver todas as partes de si mesma, de modo a ser livre para aprender e criar. Só o respeito à sua total originalidade permite à criança o desenvolvimento da própria capacidade individual.

A criança precoce ou não, aproveitará o apoio e a conversa franca sobre o seu crescimento. As crianças que se desenvolvem mais devagar, Segundo OLIVEIRA (2006 p.44), irão se beneficiar muito com o desenvolvimento de habilidades específicas. A competência compensa o “fracasso” de um corpo franzino, ou de crescimento lento. Apesar da consciência e das habilidades, a criança poderá se lamentar sobre seu desenvolvimento se esse estiver visivelmente em desacordo com o de seus companheiros. Logo, a apreciação da natureza humana é fundamental para a autoestima na vida de toda criança. Vale ressaltar que, os seres humanos adaptam-se e ajustam-se até mesmo aos ambientes psicológicos mais desfavoráveis, portanto, a tendência para um desenvolvimento sadio floresce até mesmo nas pessoas que tiveram poucos estímulos psicológicos e que já estão em idade avançada.

As crianças segundo SEBER (1997, p.77) precisam de compreensão afetiva quando atravessar o difícil caminho da dependência para a independência. Se forem dados os elementos básicos necessários, elas só terão como alternativa gostar de si próprias.

Vale ressaltar, segundo SEBER (1997, p.78), que a criança saudável é verdadeira consigo mesma, o que lhe assegura a Integridade pessoal. Ela faz o que pode com o que tem e isso lhe dá uma paz interior. Há um Ditado popular que diz: “Eu não posso estar bem com alguém se não estou bem comigo mesmo”. O que a criança sente em relação a si mesma afeta seu modo de viver. Uma autoestima elevada baseia-se na convicção que a criança tem que ser amada e valorizada, precisando saber que é importante justamente porque existe. Ao sentir-se competente para lidar consigo mesma e com o ambiente que a cerca, a criança percebe que tem algo para oferecer aos outros, por isso a autoestima elevada não é pretensão: é a tranquila aceitação da criança em ser quem é.

É fundamental que os professores, segundo OLIVEIRA (2006 p.22), saibam que toda a criança tem o potencial de gostar de si mesma, e que aprende a ver a si mesma tal quais as pessoas importantes que a cercam a veem, pois, ela constrói sua autoimagem a partir das palavras, da linguagem corporal, das atitudes e dos julgamentos dos outros. A promoção da afetividade é um terreno em que se torna difícil propor sugestões já que as necessidades das crianças são diferentes. Assim, por exemplo, o que é útil para uma criança impulsiva pode não ser para uma inibida, daí a necessidade do uso de recursos e metodologias variadas pelo professor.

Neste sentido, a família e a escola deve ser um ambiente aberto ao debate da cidadania, da liberdade, da responsabilidade, da justiça social, do respeito. Uma organização que aprende e que e que seja capaz de ensinar. O aluno deve apresentar um comportamento ativo e livre no processo de aprendizagem, dando-lhe uma sensação de auto direção e decisão.

Aspectos como autoconhecimento, autonomia e auto regulação de condutas são, segundo BRIGGS (2000, p.120), um desafio para qualquer educador, mas não se pode considerar como impossíveis se serem trabalhadas quando se propiciem atividades de reflexão sobre o autoconhecimento e auto aceitação. É fundamental valorizar a atividade docente como um ato de compromisso e competência. A formação pela vida e para a vida perpassa caminhos complexos. Somente a partir do conhecimento e do comprometimento é que construiremos um futuro melhor, mais amável e lúdico, com pessoas cada vez mais humanas completa em todos os seus aspectos (afetivo, social, e emocional). É importante lembrar que o

funcionamento psíquico humano não é composto somente pelos aspectos cognitivos, mas que os sentimentos e emoções também configuram o pensamento.

Quanto mais humanos formos, segundo OLIVEIRA (2006, p.44), maior será a nossa capacidade de amar, mais divinos nos tornaremos. A mente humana é o depósito de todas as experiências, de todos os condicionamentos que são delineados perante as exigências impostas. Faz parte de a natureza errar: o grande desafio é saber aceitar as limitações e amar outros seres tão imperfeitos quanto nós.

Em um mundo cada vez mais conturbado, que exige uma formação maior dos profissionais da educação, responsáveis pela educação moral e afetiva do ser humano, conseguir manter princípios coerentes, na forma de pensar sobre os desafios para a aprendizagem significativa, pode ser uma arma poderosa na mão de educadores conscientes de seu papel na sociedade.

Ter, segundo OLIVEIRA (2006, p.22), como características pessoais a manutenção de estados emocionais positivos, alegres, satisfeitos e felizes podem trazer consequências benéficas para a educação e para os alunos de maneira específica. Por outro lado, pessoas infelizes, tristes, tendem a demonstrar maior instabilidade em sua forma de resolver conflitos de natureza moral.

Em suma, hoje pensamos que educar significa também preocupar-se com a construção e organização da dimensão afetiva das pessoas, afinal a família e a escola, para cumprir seu papel, deve ser um lugar de vida e, sobretudo, de sucesso e realização pessoal para alunos e professores.

A experiência entre professor e aluno, segundo SISTO (2006, p.33), promove o ser, reduz a angústia, facilita os acertos da vida, conduzindo-os a vencer desafios da afetividade e educação na conquista da aprendizagem significativa. Diante disso, observa-se que as crianças que vivem com expectativas realistas, encontros autênticos, cooperação nas tarefas da individualidade, aceitação compreensiva de todos os sentimentos, mesmo quando se limitam os atos e, disciplina democrática se sentirá amadas. Com esta sólida base interior, o potencial se expandirá, as crianças serão motivadas, criativas e terão um objetivo na vida. Elas se relacionarão bem com os outros, terão paz interior, resistência às tensões, e maior oportunidade de realizar seus desejos. E é pela forma de relacionar-se com o outro que imaginamos como as pessoas são e sua influência dos relacionamentos

infantis e juvenis na vida adulta. Ao admirarmos toda magnitude de um iceberg, com seus blocos de gelo submersos nas águas mostrando sua resistência ou fragilidade diante das intempéries da natureza, não imaginamos que sua formação inicial está em sua base. Ela determinará seu tempo de existência e como será observado pelas pessoas.

Assim é o ser humano. Quando observamos suas atitudes, visão de mundo, sua forma de resolver diferentes situações não imaginamos o seu interior, sua base de formação que influenciou seu modo de ser, sua maneira de valorizar o outro.

Percebo que em algumas teorias é possível realizar mudanças significativas, mas em outros sabemos que é quase impossível, pois a visão de vários estudiosos está um tanto ultrapassada, devido que a maioria dos alunos hoje tem uma necessidade muito grande em estar provando a todo o momento que, devido às tecnologias que estão à disposição de todos acabam que os valores morais, sociais, espirituais para eles estão ultrapassados, e de certa forma se perderam em certo vazio que o jovem sente perante a sociedade em que está inserido. Acredito que esta nova geração está apostando em novas tecnologias tem a necessidade que deva ser revista à teoria que faz parte do passado e que precisa ser adaptado a este mundo de tanta falta de valores e respeito ao próximo a natureza e a si mesmo.

A maioria das teorias das emoções da época, concentrando-se nas manifestações orgânicas, Segundo MIRAS (2004, p. 66), não considerava o aspecto psicológico dos processos emocionais. Da mesma forma, não conseguiam explicar o desenvolvimento progressivo das mesmas, uma vez que muitos estudos estabeleciam uma ligação entre elas e os instintos animais. ROSSINI (2007, p. 98) defendeu que estados emocionais diferentes provocam reações orgânicas muito semelhantes. Delineava, portanto, uma abordagem enfatizando a questão do significado, afirmando que as transformações orgânicas desvinculadas do contexto não são suficientes para produzirem a emoção.

Para ROSSINI (2007, p.77), faltava uma perspectiva de desenvolvimento para a explicação das emoções. Procurava esboçar a transição das primeiras emoções primitivas para as experiências emocionais superiores, pois, segundo ele, os adultos têm uma vida emocional mais refinada do que as crianças. Por isso, uma explicação puramente mecanicista das emoções, centrada exclusivamente nos processos corporais, ignorava as qualidades superiores das emoções humanas.

Afirmou que as emoções *"isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo."* (p. 94). Ao assumir uma perspectiva de desenvolvimento para as emoções, destaca que não há uma redução ou desaparecimento das mesmas, mas, na verdade, sugere que existe um deslocamento para o plano do simbólico, da significação e do sentido.

Admite que a manifestação inicial da emoção parte da herança biológica, mas, junto com outras funções psicológicas, nas interações sociais, ela perde seu caráter instintivo para dar lugar a um nível mais complexo de atuação do ser humano, consciente e autodeterminado. Nesse sentido, ROSSINI (1992, p.66), defende que uma abordagem ancorada puramente nos processos corporais, além de ignorar as qualidades superiores das emoções, única e exclusivamente humanas, também não considera as transformações qualitativas que sofrem ao longo do desenvolvimento. Além disso, as contribuições teóricas do autor permitem reconhecer e compreender o processo de internalização também das emoções e sentimentos, pois pressupõe que são as práticas socioculturais que determinam os conhecimentos e sentimentos apropriados pela criança.

As reflexões feitas por DORIN (1978, p.74), possibilitaram destacar a imensa complexidade que envolve o desenvolvimento das emoções humanas e afirmar que tal desenvolvimento está em harmonia com a própria distinção que faz entre processos psicológicos superiores e inferiores e sua concepção de desenvolvimento cognitivo. Defende que as emoções não deixam de existir, mas evoluem para o universo do simbólico, entrelaçando-se com os processos cognitivos.

Para WALLON (2007, p.104), por sua vez, afirma que a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas, permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. Defende que a afetividade é a fonte do conhecimento.

Nesse sentido, também entende as emoções numa perspectiva genética e de desenvolvimento. Para ele, à medida que o indivíduo se desenvolve, as emoções vão encontrando forma de expressão mais complexa.

O que, no início, era comunicado através do corpo, com conquistas como aquisição da marcha, da linguagem oral, da intencionalidade, da capacidade de representação, etc. vão ganhando maior enriquecimento e complexidade nas

maneiras de expressão. Surgem novas formas (palavras e idéias) além do contato corporal. As conquistas intelectuais são incorporadas à afetividade, dando-lhe um caráter eminentemente cognitivo.

Ambos assumem o seu caráter social e têm uma abordagem de desenvolvimento para ela, demonstrando, cada um à sua maneira, que as manifestações emocionais, portanto de caráter orgânico, vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico. Dessa maneira, ampliam-se as formas de manifestações, constituindo os fenômenos afetivos. Da mesma forma, defendem a íntima relação que há entre o ambiente cultural/social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente.

Afirma, ainda, que o conhecimento do mundo objetivo ocorre quando desejos, interesses e motivações aliam-se à percepção, memória, pensamento, imaginação e vontade, em uma atividade cotidiana dinâmica entre parceiros (WALLON, 2007, p. 23). A afetividade é algo mais profundo do que se diz a vã filosofia, é um sentimento que o ser humano precisa para se tornar completo e mais flexível diante das dificuldades encontrada no seu cotidiano.

1.3- A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES PROFESSOR - ALUNO

A relação entre professor aluno, segundo DORIN (1978, p.55), não é uma ação em que a criança se torna dona no momento em que está envolvida, em um tempo e espaço de mentirinha, transformando o que era um meio de instrumento de aprendizagem numa busca de perguntas e soluções.

Diante do que foi exposto, evidencia-se a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se pressupor que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos. Pode-se supor, também, que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (aluno) e os diversos objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

A criança passa, assim a fazer parte de um novo meio, e para que haja adaptação a ele é exigida a submissão às suas determinações. Nesse ambiente adquire novos amigos, convive em grupo, obedece aos horários, respeita regras, sendo sua vida totalmente em função dos interesses da escola.

1.4- A AFETIVIDADE NAS CONDIÇÕES DE ENSINO

A imaginação permite ao ser humano intervir no mundo com liberdade, buscando caminhos, até então não percorridos, atravessando fronteiras proibidas e criando imagens como em um sonho distante da realidade.

Embora as pesquisas citadas tenham enfatizado a questão da afetividade nas relações que se estabelecem entre o professor e o aluno, principalmente através de categorias de análise centradas nas posturas e conteúdos verbais, é possível supor que a afetividade também se expressa através de outras dimensões do trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula. Na realidade, é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação "tête-à-tête" com o aluno.

Na seqüência, pretende-se discutir a questão das condições de ensino, planejadas e desenvolvidas pelo professor, procurando, porém, identificar as possíveis implicações afetivas no comportamento do aluno, a partir das decisões por ele assumidas.

Para tanto, ratificam-se alguns pressupostos aqui já assumidos, os quais, em síntese, segundo MIRAS (2004 p.44), podem ser assim apresentados:

- a) analisar a questão da afetividade em sala de aula, seja através da interação professor-aluno e/ou das dimensões de ensino, significa analisar as condições oferecidas para que se estabeleçam os vínculos entre sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares); ou seja, quando se discute este tema, discute-se, efetivamente, a própria relação sujeito-objeto, em um dos seus aspectos essenciais: o efeito afetivo das experiências vivenciadas pelo aluno, em sala de aula, na relação com os diversos objetos do conhecimento;
- b) neste sentido, assume-se que a natureza da experiência afetiva (prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto. Na situação de sala de aula, tal relação refere-se às condições concretas de mediação,

planejadas e desenvolvidas, principalmente, pelo professor. Obviamente, reconhece-se a existência de outros mediadores culturais ali presentes, como os livros, os textos, material didático e os próprios colegas. No entanto, neste trabalho, enfatizam-se as atividades de mediação desenvolvidas pelo professor;

c) entende-se que a Aprendizagem é um processo dinâmico, que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares; ou seja, a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno. Reafirma-se, no entanto, que a qualidade da mediação determina, em grande parte, a qualidade da relação sujeito-objeto;

d) simultaneamente, assume-se que as condições de mediação também são da natureza essencialmente afetiva; entende-se o Homem como um ser único, numa concepção monista, em que cognição e afetividade entrelaçam-se e fundem-se em uma unidade, como os dois lados de um mesmo objeto. Em síntese, entende-se que o ser humano pensa e sente simultaneamente e isto tem inúmeras implicações nas práticas educacionais;

e) uma das principais implicações desses pressupostos relaciona-se com o planejamento educacional: as condições de ensino, incluindo a relação professor-aluno, devem ser pensadas e desenvolvidas levando-se em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo, ou seja, não se pode mais restringir a questão do processo ensino-aprendizagem, apenas à dimensão cognitiva, dado que afetividade também é parte integrante do processo.

Como ilustração, pode-se citar a questão do ensino tradicional da Matemática, assumido como um grande problema pelos professores e, principalmente, pelos alunos. Não há dúvida que o tema envolve questões relacionadas com o pensamento lógico-matemático, objeto de estudo de várias teorias psicológicas. Porém, segundo MARTINELLI (2006, p.100), pensar no ensino da Matemática apenas como uma questão de desenvolvimento do pensamento lógico significa reduzir sobremaneira as dimensões do objeto em questão, desconsiderando um aspecto essencial, no caso, as implicações afetivas para o aluno, a partir da qualidade das mediações desenvolvidas. Assim, o desafio que se coloca não se restringe ao "aprender matemática", mas envolve também o "aprender a gostar de matemática".

Neste sentido, é possível, para efeito de análise, direcionar o olhar às chamadas condições de ensino, visando identificar os aspectos que, potencialmente, podem apresentar implicações afetivas na relação sujeito-objeto.

Pensando em um professor que vai desenvolver um determinado curso, seja ele no ensino fundamental, médio ou superior, pode-se, segundo SISTO (2000 p.66), identificar cinco decisões por ele assumidas no planejamento e desenvolvimento do curso, as quais certamente terão implicações marcadamente

afetivas, interferindo profundamente na futura relação que se estabelecerá entre o aluno e o objeto de conhecimento em questão. Proximidade (referindo-se à presença física do professor mais perto dos alunos).

Receptividade (referindo-se a uma postura onde as professoras voltam-se fisicamente aos alunos para atendê-los e/ou ouvi-los). Os relatos dos alunos sugerem que ambas foram interpretadas como uma forma de ensinar, de ajudar, assim como tranquilizar e criar vínculos permeados de sentimentos de cumplicidade.

A afetividade, segundo MARTINELLY (2006, p.22), consiste em poder fazer com que a criança receba de nós o contato físico, verbal, a relação de cuidados, mas isso também implicará conflitos, envolvendo amor e raiva. Nós temos raiva de quem amamos, temos ciúmes de quem amamos. Amor sempre envolve conflito.

Tanto no âmbito familiar quanto no escolar, segundo MARTIELLY (2006, p.102), deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável. O ato de *cuidar* é maravilhoso - é o sentimento que vai tornar o outro importante. O pai e o professor, educadores que são, devem entender que têm uma missão: *construir um ser humano*. Isso somente acontecerá pela obra do *amor*, amor esse que cobra, que é duro, que traz sofrimento e preocupação, mas, por outro lado, traz muito prazer e a realização do ato humano mais criador - fazer nascer um *ser* de verdade.

As crianças auto atualizadoras estão, segundo DANTAS (1992 p.55), sem nenhuma execução; envolvidas numa causa estranha à própria pele, em algo interno a si mesmo; tem percepção mais eficiente da realidade, tem aceitação, capacidade de amar a si mesmo, aos outros e a natureza, e são espontâneas, concentra-se mais em suas atividades do que no seu próprio ego, são mais desprendidas, autonomia e independência em relação ao meio ambiente, tem relações interpessoais mais profundas e internas estrutura de caráter mais democrático; tem senso de humor discrimina entre meios e fins, o bem e o mal e são mais criativas.

2- A INFLUÊNCIA SOCIAL NA FORMAÇÃO INICIAL DO AUTOCONCEITO

Distinguimos características próprias em cada criança e em cada um apresenta um ponto de vista, uma forma peculiar de perceber os acontecimentos à sua volta, ou seja, cada criança tem a sua própria forma de pensar interpretar seu mundo.

Segundo PIAGET (1990, p.104), a afetividade cumpre o papel de fonte de energia para o funcionamento da inteligência; que se refere às formas de conhecimento elaboradas pelo ser humano inspirando as teorias do desenvolvimento da afetividade, que em sua maioria tem a afetividade e o desenvolvimento da linguagem como temas centrais. Falar em afetividade e auto estima é acreditar em ma educação com relevância social e, logo, em uma escola construída a partir de respeito, compreensão e autonomia de idéias.

Sabe-se, segundo PIAGET (1990 p.33), que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo.. Sendo assim, sua importância em toda relação é fundamental para os sujeitos envolvidos. logo, a relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo das diferentes idéias.

PIAGET (1954/1990, p.201), considera a afetividade como a energética da ação sendo ela fundamental para o funcionamento da inteligência, mas ressalta que não modifica a estrutura da mesma. A afetividade é a mola propulsora de todo tipo de atividade, em outros termos, afetividade é a energia que impulsiona a ação.

No entanto, educar apresenta em suas ações familiares e educacionais, e dentro de teorias consideradas ideais, uma complexa tarefa a ser desempenhado o seu papel de cuidador.

A forma como os pais manejam a satisfação ou a restrição dos desejos de seus filhos (FREUD, 1974, p.22), a forma como respondem a suas condutas exploratórias e as suas iniciativas (FREUD, 1974, p.78), a forma como agem diante de sua teimosia ou suas graças a WALLON (2007 p.56), forma como moldam com reforços diferenciais as condutas sociais de seus filhos (aprendizagem social) são consideradas essenciais no desenvolvimento de um caráter mais acanhado ou mais

onipotente, mais seguro de si mesmo ou mais cauteloso, com mais confiança ou mais inseguro. Desta forma, segundo MIRÁS (2004 p. 44), percebe-se a importância dos pais e/ou cuidadores na formação e no desenvolvimento do autoconceito e autoestima das crianças.

Porém, a questão está relacionada a inúmeros fatores, inclusive, no autoconceito que este aluno faz de si, quando não acredita no seu potencial de resolver situações desafiadoras e desanima no primeiro obstáculo que encontra.

GODOY (1997, p.35), descreve a importância de alguns aspectos que propiciam o aprender como: Aspectos como autoconhecimento, autonomia e autorregulação de condutas são um desafio para qualquer educador, mas não se pode considerar como impossíveis se serem trabalhadas quando se propiciem atividades de reflexão sobre o autoconhecimento e auto-aceitação.

O ser humano deve sempre pensar de forma positiva a respeito de seu comportamento. Segundo OLIVEIRA (2006, p.79), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual.

Sendo que de certa forma pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo que, desenvolvem-se paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

O afeto, segundo OLIVEIRA (2006, p.99), apresenta várias dimensões, incluindo os sentimentos subjetivos (amor, raiva, tristeza...) e aspectos expressivos (sorrisos, gritos, lágrimas...).

A afetividade progride, estendendo-se em etapas evolutivas; a primeira é da base orgânica e seus motivos estão ligados aos estados de bem estar ou mal-estar.

Segundo PIAGET (1990, p.198), o afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição ou inteligência e, é responsável pela ativação intelectual. Com suas capacidades afetivas e cognitivas expandidas através da contínua construção, as crianças tornam-se capazes de investir afeto e ter sentimentos validados nelas mesmas. Neste aspecto, a auto-estima mantém uma estreita relação com a

motivação ou interesse da criança para aprender. O afeto é o princípio norteador da auto estima.

Quando é bem desenvolvido o vínculo afetivo, segundo OLIVEIRA (2006, p.98), a aprendizagem, a motivação e a disciplina tornam-se conquistas significativas para o autocontrole do aluno e seu bem estar escolar. Percebe-se uma forte relação entre professor e aluno, influenciando na formação da auto-estima, pois o professor que não tem responsabilidade pela profissão, e apresenta diferentes reações diante de um aluno indiferente ou agressivo, pode comprometer o desenvolvimento escolar da turma.

Segundo alguns autores as pesquisas sobre a auto-imagem e o desempenho escolar mostram a forte relação entre a auto-estima e a capacidade de aprender. A elevada auto-estima estimula a aprendizagem o aluno que goza de elevada auto estima aprende com mais alegria e facilidade. Enfrenta as novas tarefas de aprendizagem com confiança e entusiasmo. Seu desempenho tende a ser um sucesso, pois a reflexão e o sentimento precedem a ação, demonstrando “firmeza” e expectativas positivas, diferente de um que se sente incompetente, fracassado.

Segundo BRIGGS (2000, p.27), *“A chave da paz interior e da vida feliz é a auto-estima elevada, pois é ela que está por trás de todo relacionamento bem-sucedido com os outros”*. O desempenho do ser humano bem-sucedido reforça seus bons sentimentos e suas ações.

O desenvolvimento da personalidade, segundo FREUD (1974, p.145) está ligado ao curso das pulsões sexuais e a forma como cada um resolve os conflitos que devem ser enfrentados nas fases oral, anal e fálica entre as pulsões libidinais as expectativas e normas sociais implicará o aparecimento e a fixação de determinados traços de personalidade que acompanharão o sujeito até sua etapa adulta. (COLL et al, 2004).

Tratando da afetividade como fator preponderante para a construção do autoconceito e da autoestima elevada do aluno ela vem sendo abordada com mais intensidade, segundo BRIGGS (2000 p.78), porque a violência, a agressividade e o desrespeito vivido hoje pela maioria das pessoas podem ter causas de fundo afetivo,

por conta da falta de valorização da pessoa como ser humano. Desta forma, inevitavelmente, seu autoconceito é alterado.

De acordo OLIVEIRA (2006, p.36), aborda as idéias de VYGOTSKY (1992, p.104), que sempre se preocupou com o aprendizado inserido no desenvolvimento sócio-histórico da pessoa como um processo que apresenta diferentes fases que estão interligadas entre si. Independentemente da fase que esteja vivendo, o ser humano está convivendo com grupos diversificados de pessoas que, contribuem a todo o momento com a construção de sua auto-estima. Na tentativa de mudanças das práticas pedagógicas, algumas escolas começam a investir na formação do professor, buscando referenciais teóricos que auxiliem no desempenho do aluno no processo ensino-aprendizagem, tendo como base a afetividade como resgate da auto-estima, procurando assim atenuar as dificuldades de aprendizagem como de relacionamentos interpessoais encontradas pelos alunos.

Observa-se que cada vez mais os casos de agressões e desrespeitos verbais entre alunos e professores vêm aumentando nas escolas e na comunidade externa, despertando, em alguns educadores e pais, a preocupação em resgatar nestes alunos e professores uma relação de afetividade considerada fundamental para que situações como estas sejam superadas.

Assim, segundo SISTO (2000, p.44), a pessoa marginalizada, discriminada, sente a rejeição em sua vida e passa a considerar-se inferior aos outros e na maioria das vezes pessimista, tornando-se muitas vezes agressiva, hostil ou indiferente, apática. Em contrapartida, a pessoa que é amada e em quem depositamos confiança cresce com uma imagem positiva e enfrenta os desafios que surgem com mais otimismo e segurança. Demonstra alegria, determinação e afetividade nos relacionamentos que constrói, vendo-se em cada ser humano que encontra pela frente.

Para o ser humano pensar e sentir são ações indissociáveis. Esta é a idéia que pretendo expor através da pesquisa ao longo dos capítulos, tendo como preocupação central transpô-la para o campo educacional, conceito sobre afetividade, auto estima , auto conceito esses temas vem sendo abordados pelas as instituições educacionais sendo uma grande preocupação para a sociedade atual.

2.1 – O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DO AUTOCONCEITO

Os problemas familiares e sociais hoje vêm atingindo de forma assustadora na aprendizagem e no desenvolvimento intelectual do educando, gerando uma incapacidade grande da escola e da família, de estar superando as suas dificuldades pessoais e educacionais, levando ao prejuízo educacional do ser humano, tornando o impotente diante da perspectiva que ele faz a si mesmo.

O papel da escola, enquanto relação professor, aluno, e família, segundo PIAGET (1990, p.155), é de suma importância para que a formação da auto-estima seja pautada em segurança, autonomia de idéias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como um todo.

A questão da afetividade e autoestima é uma preocupação mundial. Todos os segmentos da sociedade têm essas abordagens em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade no trato com as pessoas, segundo PIAGET (1990 p. 196), é um pressuposto do que autores referem-se como o resgate a valores humanos esquecidos por nós que estamos envolvidos com a agitação do dia-a-dia.

Conforme ANTUNES (1996, p.56), afirma que a relação professor e aluno devem ser baseados em afetividade e sinceridade, pois: se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho.

Observa-se que a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca do desempenho de cada indivíduo, para basear suas ações pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino-aprendizagem.

A sociedade delega todos os fracassos escolares e sociais a escola. Sabe-se, no entanto, que a escola não é a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico,

pode e deve contribuir para mudanças significativas na relação professor aluno, e família.

Parafraseando TIBA (2005, p.108), cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo.

Por isto, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer, florescer e dar bons frutos.

Por conseguinte, para a construção da auto-estima é necessário buscar a responsabilidade e não a culpa, criar um clima de confiança que faça com que a pessoa sinta-se genuinamente aceita, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar núcleos emocionais que bloqueiam condutas inadequadas. Os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas, sendo que a afetividade está inter ligado ao auto conceito que cada um tem de si mesmo, apresentadas tais razão, já adentramos no objeto do presente texto: refletir sobre o conceito a de auto conceito requer responsabilidade no campo educacional.

2.2- A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DO AUTOCONCEITO E DA AUTO-ESTIMA.

Desenvolver a auto-estima e o auto conceito em grupos consiste em conhecer a sua própria história, procurar analisá-lo no contexto, para então intervir de maneira apropriada, buscando razões capazes de motivá-lo e fortificá-lo .

A auto-estima é, numa abordagem simplificada, o que a pessoa sente em relação a si mesma. Quando positiva, significa que a pessoa tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam dela e confiam em sua habilidade de lidar com desafios. Quando negativa, acha que não merece o amor de ninguém, não acredita em seu potencial, que n abrem as mentes e concretizam ou mudam idéias que formamos no decorrer de nossa vida. Para TIBA (2005), a auto-estima

É o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma. Aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do Nosso comportamento. (p.157).

Na escola que criança tem contato com diferentes comportamentos dentro do espaço educacional, por isso, segundo SISTO (2000 p.79), torna-se o referencial para a construção da personalidade da criança e da sua autoimagem, no sentido de oferecer atenção devida ao seu desempenho escolar, fazendo com que o amor-próprio seja solidificado, pois faz parte do processo de aprendizagem de vida e é o sentimento obrigatório em uma existência satisfatória.

A família também desempenha um papel fundamental na formação da autoestima, e é, em muitos casos, o primeiro grupo social que as crianças têm contato. Vale ressaltar que existem outras construções familiares que não são tradicionalmente pai, mãe e filhos, porém, segundo BRIGGS (2000 p.26), a afetividade é um fator fundamental na relação com as pessoas que estão envolvidas com o desenvolvimento integral da criança.

BRIGGS (2000, p.7) define a importância da afetividade na vida de uma criança como: *“Ajudar as crianças a desenvolver sua auto-estima é a chave de uma aprendizagem bem sucedida”*.

Logo, as intenções dos professores terão maiores possibilidades de se concretizarem se as convivências com os alunos lhes proporcionarem satisfação por serem quem são. Não se pode desconhecer, ou ignorar, a característica mais importante da criança – seu grau de autorespeito.

Por influência evidente da filosofia, por onde surgiram por muitas décadas as teorias psicológicas que estudaram separadamente os processos cognitivos afetivos e emocionais da personalidade de cada indivíduo, que se desenvolve sofrendo influências genéticas e ambientais, o que torna cada pessoa diferente. Entendendo que cada ser participa ativamente de seu mundo social e que obtém seus conceitos mediante as suas relações socioculturais e as influências que sofrem destas relações, entendemos que o ambiente familiar, o escolar e os outros cenários sociais participam na configuração de nossa individualidade, sejam nos traços psicológicos como nos aspectos afetivos emocionais. Quando a criança recebe atenção, amor, carinho e respeito, Segundo COLL et al. (2004), ela se torna um indivíduo mais flexível aos acontecimentos emocionais que vão aparecendo no decorrer da vida e sentindo-se mais segura para resolver os embates que a vida-lhe proporciona.

O desenvolvimento da personalidade, segundo FREUD (1974, p.189), está ligado ao curso das pulsões sexuais e a forma como cada um resolve os conflitos que devem ser enfrentados nas fases oral, anal e fálica entre as pulsões libidinais as expectativas e normas sociais implicará o aparecimento e a fixação de determinados traços de personalidade que acompanharão o sujeito até sua etapa adulta. (COLL et al., 2004). Os pais que favorecem essas iniciativas podem desenvolver nas crianças um verdadeiro sentimento de autonomia, mesmo estabelecendo certos limites. E quando estas questões não são bem resolvidas acontece a oposição e negativismo que surgem destas atitudes fazem com que os adultos não demonstrem o carinho e a aceitação e, caso esta criança conte com um eu mais fortalecido, procura encontrar estratégias que lhe permitam assegurar esse afeto e a aprovação dos demais imitação dos demais. Imitando o pai ou a mãe, em seus traços mais externos ou em seus aspectos mais psicológicos.

Desta forma percebe-se a importância dos pais e/ou cuidadores na formação e no desenvolvimento do auto conceito e auto-estima das crianças. Uma pessoa que não possui um auto conceito adequado pode não estar aberta as suas próprias experiências afetivas, assim como uma pessoa com baixa auto-estima demonstra dificuldade em sua auto-aceitação e procura representar papéis que considera oportuno em cada momento desejando sentir-se aceita pelos demais.

O auto conceito não é algo inato, segundo TIBA (2005, p.44), é construído ao longo do tempo, se desenvolve e evolui com características distintas em cada fase da vida do ser humano e sofre influências das pessoas significativas do ambiente familiar, escolar e social, e das próprias experiências de sucesso e de fracasso.

Apresentaremos duas teorias principais sobre a formação e o desenvolvimento do auto conceito. O Simbolismo Interativo ou a teoria do espelho e a Aprendizagem Social.

Conforme TIBA (2005, p. 120):

Para a construção da auto-estima, deve-se criar um clima de confiança, que faça com que o aluno sinta-se aceito, acolhido, compreendido e respeitado. Sabe-se que os alunos aprendem melhor quando estão satisfeitos com sua auto-imagem, e quando mantêm bons sentimentos, com relação à escola e a si mesmo. Por isso, o professor torna-se um referencial, que poderá contribuir de forma positiva na construção da sua personalidade.

A criança identifica-se com alguém, imita-a e absorve as características que lhes pertencem, formando um conceito parecido com o das pessoas que a cercam.

A auto-estima que as crianças desenvolvem depende das atitudes de seus pais para com elas. Filhos de pais carinhosos e afetivos costumam ter um grau maior de auto-estima do que os filhos de pais afetivamente frios e desinteressados. A evolução do auto-conceito no enfoque ontogênico ou evolutivo se forma nas diferentes etapas do desenvolvimento, com características específicas para cada uma delas, e as pessoas de idade avançada acima de tudo auto conceito, portanto, está ligado à imagem que temos de nós mesmos e se refere ao conjunto de características ou de atributos que utilizamos para nos definir como indivíduo e para nos diferenciar dos demais seres vivos

A autoestima é, numa abordagem simplificada, segundo BRIGGS (2000, p. 33), o que a pessoa sente em relação a si mesma. Quando positiva, significa que a pessoa tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam dela e confiam em sua habilidade de lidar com desafios. Quando negativa, acha que não merece o amor de ninguém, não acredita em seu potencial, que não é capaz, e considera que não sabe fazer nada direito.

A autoestima, segundo BRIGGS (2000, p.36), é um produto psicológico, determinado por nossa subjetividade e, que, assim como o auto conceito, muda de acordo com a idade, os interesses, os aspectos socioeconômicos e culturais envolvidos. No desenvolvimento dos seres humanos, o instrumento elaborado por para avaliar a autoestima, cita quatro domínios distintos e relevantes nessas idades: competência física, competência cognitivo-acadêmica, aceitação por parte dos iguais e aceitação por parte dos pais.

As crianças, segundo BRIGGS (2000, p.36), parecem ser capazes de descrever como são competentes e hábeis em cada fase destas dimensões citadas e podem variar sua autoestima de forma diferenciada em cada uma delas, As crianças além de poderem se auto avaliar em uma série de facetas diferentes, vão desenvolvendo uma avaliação geral de si mesmas, não-ligada a nenhuma área de competência específica. A escola enquanto instituição de educação vem mostrando a necessidade em desenvolver estudos com pesquisa que visem à construção da autoestima em todas as fases do desenvolvimento da criança.

2.3- O QUE É AUTO-ESTIMA E PARA QUE SERVE?

Muitos pesquisadores do desenvolvimento humano estudam os padrões de adaptação individual da criança associados ao ajustamento apresentado na idade adulta, ou seja, procuram compreender previa deixam a criança protegida ou sem defesa quando exposta os aos eventos externos estudam também como padrões particulares de adaptação em diferente fases de desenvolvimento interagem com mudanças ambientais externos, com relação a auto estima.

A cultura da América do Norte, segundo GANAZZANIGA (2005 p.189), tem si dedicado muito nas últimas décadas, eu nível básico, a autoestima é um aspecto avaliativo do auto conceito, referindo se a pessoa que se percebe como tendo valor ou não, sendo boa ou má. São as respostas emocionais das pessoas ao contemplar e avaliar diferentes características suas. Embora a auto estima esteja relacionada ao auto conceito, é possível que as pessoas acreditem objetivamente em coisas positivas sobre si mesma, sem realmente gostar muito de si mesmas, e por tanto tenham auto estima elevada, mesmo quando indicadores objetivos não apóiam essa visão positiva de si.

2.4- QUAL É O PAPEL DA AUTOESTIMA NA TEORIA DO SOCIOMETRO?

É uma explicação nova importante da auto-estima que foi proposta. Segundo GANAZZANIGA (2005 p.123) a psicologia supõe que os humanos têm uma necessidade fundamental de perceber que é adaptativo a qualquer ambiente e mudanças. Durante a maior parte da evolução humana, aqueles que pertenciam a grupos sociais tinham mais chances de sobreviver e se reproduzir do que aqueles que eram excluídos e tinham de sobreviver sozinhos, sendo que a auto-estima monitora a probabilidade de exclusão social.

Quando as pessoas se comportam de uma maneira que aumenta a probabilidade de serem rejeitadas, sua auto estima diminui. Assim, segundo ,GANAZZANIGA (2005 p.122),a auto-estima serve como sóciômetro, um monitor interno de aceitação/ rejeição social. As pessoas com auto-estima elevada têm sociômetros que indicam a eminente possibilidade de rejeição e, Poe isso, são altamente motivadas a manejar suas impressões publicas. Uma abundância de evidência apóia a teoria do sociômetro, incluindo os consistentes achados de que a

baixa auto-estima apresenta elevada correlação com ansiedade social, devido fatores externos que muitas vezes apresentados pelos meios em que estão inseridos, sendo que os próximos capítulos será discorrido a respeito da formação da auto-estima do aluno na escola.

Como se pode ver a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca da atuação com os pares.

A questão da afetividade e auto-estima, segundo GANAZZANIGA (2005 p.133), é uma preocupação mundial. Todos os segmentos da sociedade têm essas abordagens em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade no trato com as pessoas é um pressuposto do que autores referem-se como o resgate a valores humanos esquecidos por nós que estamos envolvidos com a agitação do dia-a-dia, e que muitas vezes esquecemos a importância da relação familiar no desenvolvimento da auto-estima.

2.5- PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DA AUTO-ESTIMA DO ALUNO

Neste tópico vou discorrer a respeito do papel da escola, enquanto relação professor e aluno, que é de suma importância para que a formação da autoestima seja pautada em segurança, autonomia de ideias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como um todo.

Acreditando nisto, ANTUNES (1996, p.56), afirma que a relação professor e aluno deve ser baseado em afetividade e sinceridade, pois: Se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho.

Como se pode ver a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca, pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino-aprendizagem.

Segundo DORIN (1978, p.177), propõe uma humanização da inteligência, pois, atribui às emoções a capacidade que o indivíduo encontra de adentrar no “mundo” com e de outras pessoas num processo dialético onde, a expressividade auxilia a criança nos processos psíquicos na aquisição da linguagem e, conseqüentemente na própria formação do pensamento.

Finalmente, vale lembrar que, diante da importância assumida em relação à afetividade na ação pedagógica, é preciso que a escola ressuscite, ou melhor, se responsabilize a arte de pensar um pensamento amoroso da vida em sua integridade.

A Escola precisa “criar” e não apenas reproduzir. Rubem Carlos Alves (1991 p.77), finaliza o texto com a seriedade de suas ideias acerca do dualismo entre a criação e a reprodução. O autor conclui que *“Há um tipo de inteligência criadora. Ela inventa o novo e introduz no mundo algo que não existia. Quem inventa não pode ter medo de errar, pois vai se meter em terras desconhecidas, ainda não mapeadas”*.

Sendo que tais conhecimentos perdem sua validade quando professores e técnicos não estão comprometidos com mudanças em suas ideias tradicionais ou posturas, que trazem ranços de práticas escolares que apenas depositam informações nos alunos, desconsiderando assim a afetividade no processo ensino-aprendizagem. Diante disso, é preocupante o número de casos que mostram alunos envolvidos em agressões entre colegas ou discussões com professores, casos estes, que observados em sua essência, demonstram carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Sabe-se, no entanto, que a escola não é a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, segundo GANAZZANIGA (2005, p.123) como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, pode e deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois, além da sala de aula que oferece conteúdos e provas, a afetividade está presente em cada ação e busca seu espaço no espelho que a turma repassa aos técnicos quando dispõem do diário de notas, conselho de classes, conselho escolar e tantos outros instrumentos e setores que retratam esta relação.

A escola dentro das perspectivas de, segundo DORIN (1978, p.77), deve assumir uma postura que atenda as necessidades afetivas da criança, uma escola que integre razão e emoção numa lógica que saiba perceber e incorporar as pulsões vitais da criança no processo de ensino-aprendizagem.

Os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes. Se os professores percebessem essa imitação sem dúvida procurariam policiar suas palavras e posturas. Que maravilhoso seria se professores e alunos pudessem espelhar-se em fatos e pessoas positivas, que emanassem confiança, autonomia e sinceridade.

Esperam-se mudanças na educação a partir de conscientização de novas metodologias que insiram cada vez mais o aluno em uma vida escolar que retrate sua realidade e que busque a contextualização, porém, olhando-se de outro prisma, a solução para a educação pode estar no afeto. Afeto este que inclui que proporcione crescimento e valorização do ser humano e o conhecimento pessoal como sujeito ativo na construção da história.

Mais do que aula, segundo WALLON (2007, p.99), muitas vezes o aluno vai para a sala de aula em busca de respostas que esclareçam o seu verdadeiro papel na sociedade. Considera esta escola, como grupo social que pode contribuir para sua formação como cidadão e, na maioria das vezes, o professor não se preocupa com o “tipo” de aluno que está convivendo, muito menos, em estabelecer um vínculo afetivo mais forte nesta relação favorecendo atitudes positivas que favoreçam na formação da autoestima do aluno.

ROSSINI (2007, p. 96), atribui boa parte dos seus estudos nas representações emocionais no corpo da criança, a qual ele define como expressividade.

Parafraseando ROSSINI (2007, p. 23), toda emoção vem sempre acompanhada de expressão define as emoções como estadas provisórias, e afirma que uma das características marcantes das emoções é que nelas a pessoa fica com uma percepção muito mais voltada para si mesmo do que para fora.

Neste sentido, a emoção será compreendida dependendo da ativação ou redução da afetividade, no entanto, o autocontrole não é uma habilidade que se

desenvolve “naturalmente” dada à maturação temporal da criança. Todas precisam de uma aprendizagem específica, pois uma relação é algo que se constrói dia-a-dia, no entendimento de si e do outro.

Parafraseando PIAGET (1990), considera a afetividade como a energética da ação sendo ela fundamental para o funcionamento da inteligência, mas ressalta que não modifica a estrutura da mesma. A afetividade é a mola propulsora de todo tipo de atividade, em outros termos, afetividade é a energia que impulsiona a ação.

Segundo o autor, o aspecto cognitivo e afetivo tem influência mútua, uma vez que um não pode funcionar sem o outro, sendo indissociáveis. Em sua visão, não é possível separar, na ação, ambas as dimensões, ou seja, em *“toda conduta, seja qual for, contém necessariamente estes dois aspectos: o cognitivo e o afetivo.”* (PIAGET, 1990, p. 288).

Por isso, é preciso que se tenha cuidado com as palavras escolhidas para a comunicação, levando em consideração o tom de voz que deve ser firme e não acusador e padrões de linguagem que encorajem a auto avaliação e o auto monitoramento por parte da própria criança, fazendo com que ela aprenda a amar-se, conhecendo seus limites pedindo ajuda quando necessário; pois todos os seres humanos senta a necessidade em ser amado e respeitado pelos seus pares, pois a afetividade é algo tão importante quando a alimentação.

Família, segundo MIRÁS (2004, p.77), é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estarem juntas, de construírem algo e de se complementarem. É através dessas relações que as pessoas podem se tornar mais humanas, prendendo a viver o jogo da afetividade de maneira adequada. Mas para que essa adequação ocorra é preciso que haja referências positivas, cuidadores encarregados de estabelecer os limites necessários ao desenvolvimento de uma personalidade emocionalmente equilibrada.

Para os jovens, segundo BEAN (1995, p.45), as referências são pessoas, palavras, gestos que vão proporcionar a formação da identidade. Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar frustrações até o momento adequado para realizar seus desejos.

O que verificamos atualmente é que, segundo ORTZ (2004, p.49), um grande número de pais acredita no falso mito da liberdade total. Libertam os filhos antes mesmo de eles terem criado asas para voos mais altos, e o resultado disso é um comportamento desastroso na maioria das vezes.

O jovem que se deixa levar pelo impulso em direção ao prazer imediato (natural do ser imaturo), segundo SÁNCHEZ (1999, p.55), vai dirigir seu voo para alturas inadequadas ao tamanho de suas asas, e, com certeza, se desorganizar e se ferir. E a permissividade dos pais será sentida como desinteresse, abandono, desamor, negligência.

A família tem a função de sociabilizar e estruturar os filhos como seres humanos. Vários estudos e pesquisas têm demonstrado que jovens problemas são fruto de famílias que, independentemente do nível socioeconômico, não lhes ofereceram afetividade suficiente. A violência na infância e na adolescência, por exemplo, existe tanto nas camadas menos favorecidas como nas classes média e alta. O que faz a inferência é a capacidade de a família estabelecer vínculos afetivos, unindo-se no amor e nas frustrações.

A família, segundo ORTIZ (2004, p.33), é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos e ódios. É na família que se aprende a linguagem mais complicada da vida: a linguagem da afetividade -- amor acompanhado de medo, raiva, ciúme. Sim, brigamos mais com quem mais amamos; temos medo de perder as pessoas que mais amamos. Logo, é na família que se deve encontrar o maior dos amores e também o maior dos ódios.

Por isso, a família é o campo de ação de brigas e gritos, mas também do amor. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão reparados através do entendimento, do perdão tão necessário e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para serem cidadãos sociáveis.

Quando falta a um jovem essa estrutura familiar (ausência de pai e mãe), outras pessoas (parentes ou mesmo a sociedade), segundo BEAN (1995, p.66), poderão assumir o papel de cuidadores, respeitando as necessidades de esse ser

em formação: alguém que lhe proporcione a oportunidade de viver muito amor, acompanhado de medos, raivas e ciúmes.

Convém ressaltar que a tarefa de cuidar adequadamente de um ser em formação é extremamente difícil, pois exige dos educadores capacidade de lidar com os conflitos gerados pelos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato e às necessidades bi psíquico-sociais de cada momento.

Os adolescentes precisam de educadores (pais, professores) que lhes proporcionem a vivência da afetividade. É através de experiências vividas com os cuidadores, segundo MIRÁS (2004, p.77), que eles vão estruturar as relações que estabelecerão com a sociedade de modo geral. Deve-se permitir a manifestação do sentimento, porém impedir atos que aliviem apenas momentaneamente a dor do sentimento de desprazer. Pode-se sentir medo e/ou raiva; pode-se expressá-los através de choro ou palavras; só não se pode destruir a fonte de tais sentimentos, pois ela é também a fonte de seu prazer maior: o *amor*. Quanto aos fatores de proteção vários autores concordam nas condições do próprio indivíduo nas perspectivas no sucesso futuro, no senso de humor, otimismo, autonomia, na tolerância ao sofrimento, na assertividade, estabilidade emocional e no engajamento das atividades de comportamento direcionado para metas, habilidades para resolver problemas avaliação para resolver problemas, avaliação das experiências como desafios e não como ameaças, boa autoestima nas com o desenvolvimento o aluno.

CONCLUSÃO

Pensar na construção de uma sociedade escolar mais justa e solidária é refletir sobre os valores e afetos que fazem as diferenças humanas nas relações escolares no dia-a-dia.

Nesta perspectiva verifiquei que afetividade, auto-estima e educação estão intrinsecamente ligadas à aprendizagem e ao comportamento dos seres humanos. A afetividade influencia de maneira significativa a forma pela qual os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral.

Tal sentido é transmitido pela interação professor/aluno e englobam os fatores psicológicos de caráter afetivo, que nesta relação são mediados pela percepção que o aluno tem de si mesmo (autoconceito), a percepção que tem do professor, suas expectativas e o valor que atribui a si próprio (auto-estima).

Foram apresentadas algumas teorias da construção e do desenvolvimento da afetividade auto conceito e da auto-estima que demonstram a importância da família, desde as Condutas de apego até as práticas educativas realizadas neste contexto, que interferem nas relações sociais que serão estabelecidas pelo indivíduo durante toda a vida.

Através deste estudo foi possível confirmar as expectativas sobre a educação; na afetividade, auto estima acreditando como, “a boa educação é aquela que promove gostosamente a diferença humana, preparando para a vida”.

Confirmando os questionamentos, constatei que o funcionamento psíquico humano não é composto somente da dimensão cognitiva, mas, também, pela dimensão fundamental de sua existência que é afetiva e emocional, e que os valores morais e educacionais estão intrinsecamente ligadas na aprendizagem. A afetividade e a auto-estima influência de maneira significativa à forma pela qual os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral. A organização do pensamento influencia o sentimento, e o sentir também configura a forma de pensar. Neste sentido, a afetividade perpassa o funcionamento a relevância do tema está em levantar uma questão que parece começar a incomodar alguns profissionais da área educacional. Portanto, é de fundamental importância abordar que ação pedagógica deve nortear a relação afetiva que influenciará diretamente na

auto-estima do aluno, tendo em vista diferenças individuais e comportamentais inerentes ao ser humano.

A necessidade desta pesquisa, reside justamente na contribuição para fomentar maior discussão e interesse dos profissionais da área que, acreditam no sucesso escolar tendo como princípio básico a afetividade em sua relação educacional e, conseqüentemente, contribuindo para uma auto-estima positiva um ambiente escolar pautado no respeito, favorecendo a construção da auto-estima que está intimamente ligada à afetividade, nas leituras para a pesquisa conclui que a minha pratica pedagógica ainda está longe da qualidade desejada, para que as metas educacionais sejam alcançada.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **A alegria de ensinar**. 5. ed. São Paulo: Ar Poética, 1994.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

BEAN, Reynolds ET al. **Adolescentes seguros**: como aumentar a autoestima dos jovens. São Paulo: Gente, 1995.

BOCK, Ana M. Bahía et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva 1998.

BRIGGS, Dorothy C. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

COLL, C.; MARCHESI, A; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DANTAS, H. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: LA TAILLE, Y, DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda., 1992.

DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. **A afetividade no jogo de regras**. In: SISTO, F. FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógico clínica da criança e sua família**. 2. reed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DORIN, Lannoy. **Psicologia da criança**. São Paulo: Editora do Brasil, 1978.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GAZZANIGA, Michael S. **Ciência psicológica mente cérebro e comportamento**. Porto Alegre: Armed, 2005.

GODOY, Eliete Aparecida de. Educação, afetividade e moral. **Revista Educação e Ensino-USF**, Bragança Paulista: v. 2. n. 1. p. 35,. jan./jun. 1997.

HIDALGO, V.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento da personalidade entre os dois e os sete anos**. In: COLL, et. al. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 181-191.

MARTÍN, E; SOLÉ, I. **A aprendizagem significativa e a teoria da assimilação**. In: MENEZES, Luís Carlos. Os novos rumos da educação. **Revista Impressão Pedagógica**, Campinas: Gráfica Expoente. V.9. N.21. mar./abr. 2000.

MARTINELLI, S. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006. P.32.

MIRAS, M. **Afetos, emoções, atribuições e expectativas: o sentido da aprendizagem escolar**. In: COLL, C. et. al. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 211.

OLIVEIRA, G. **A transmissão dos sinais emocionais pelas crianças**. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006, p. 78-80.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **VYGOTSKY, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1998.

ORTIZ, M. J. et al. **Desenvolvimento socioafetivo na primeira infância**. In: COLL, eT al. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p.105-123.

PIAGET, J; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SÁNCHEZ, A.; ESCRIBANO, E. **Medição do autoconceito**. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSC, 1999.

SEBER, Maria da Glória. **Piaget: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006.

SISTO, Fernandes Firmino et al. **Leitura de psicologias para formação de professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** São Paulo: Integrare Editoria, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e pedagogia).

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.